

UMA ANÁLISE DO LAZER COMO ELEMENTO MEDIADOR DE CONHECIMENTOS NA EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL

Autora: Mailane Vinhas de Souza Bonfim, Universidade Federal da Bahia.

E-mail: mailanevinhas@bol.com.br

Co-Autora: Débora Matos Maia, Universidade Federal da Bahia.

E-mail: deboramatosmaia@gmail.com

RESUMO

O artigo faz uma análise sobre o lazer e sua contribuição para a ampliação do conhecimento, sinalizando o espaço de lazer como um espaço também educativo, situado dentro da escola ou fora dela. Para tanto, esta pesquisa apresenta os conceitos de educação formal, não-formal e informal e suas relações com o lazer, na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento do indivíduo. Foram realizados estudos em livros, artigos e publicações sobre educação e lazer, evidenciando a relação entre ambos como uma alternativa de aprendizagem frente à necessidade da educação de reconhecer novos espaços condizentes com as necessidades contemporâneas. As reflexões feitas neste estudo conduzem a conclusão de que os espaços de socialização, fruto da junção do lazer e da educação, podem vir a fazer a união da educação formal, não-formal e informal ao convergir interesses comuns em prol de um objetivo maior.

Palavras-chave: Lazer; Educação formal, informal e não formal.

ABSTRACT

The article makes an analysis of leisure and its contribution to the expansion of knowledge, signaling the entertainment places as well as an educational place, located inside and outside the school. Therefore, this research presents the concepts of formal, non-formal and informal relations with leisure, wondering to contributing to the development of the individual being. Studies were conducted through books, articles and publications on education and recreation, highlighting the relationship between them as an alternative learning education regarding the need to recognize new opportunities consistent with contemporary needs. The reflections in this study lead to the conclusion that the environment of socialization, the result of joint leisure and education, are likely to make the union of formal education, non-formal and informal interests to converge towards a common goal.

Keywords: Leisure; formal education, informal and non formal.

1-INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos tem-se falado muito na problemática educacional e sua interferência na formação do sujeito que busca caminhos para promoção de uma ação educativa realmente comprometida com a cidadania social e política.

A educação oferecida na maioria das instituições educacionais está em defasagem com as necessidades e os desafios da pós-modernidade, uma vez que os princípios e métodos sobre os quais está fundada não estão condizentes com a consciência que se faz necessária no mundo contemporâneo.

Neste artigo será tratada a mútua influência que pode existir entre as áreas da educação e do lazer como parte do processo educativo, destacando que não só a educação pode utilizar-se dos instrumentos de lazer, como também através da educação a escolha do lazer pode ser feita de forma mais crítica e menos alienante. Para essas relações dá-se o nome de educação pelo lazer e educação para o lazer citada por Marcelino (1987). Para isso, o conceito de lazer deve ser ampliado e ressignificado, pois as mudanças no tempo, espaço e atitude vão ser fundamentais para essa relação acontecer.

Diante dessa necessidade e na tentativa de contribuir com a aprendizagem dos indivíduos, esta pesquisa propõe o estudo do lazer, entendendo ser este, um mecanismo que pode proporcionar conhecimento de forma agradável, lúdica e propositivas do ponto de vista do desenvolvimento humano e da vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural das pessoas enquanto seres sociais.

Neste contexto, este artigo busca responder a seguinte pergunta: quais as contribuições do lazer enquanto atividade educativa intencional ou não-intencional na atual sociedade? Tem por objetivo realizar um estudo teórico acerca do tema educação e lazer e mostrar as relações de aprendizagem que podem acontecer fora ou dentro da escola.

Como procedimento metodológico, tomou-se para este trabalho, o estudo descritivo auxiliado por pesquisas bibliográficas, realizadas em livros, artigos e publicações. Estas pesquisas fundamentaram o estudo, através de algumas definições e conceitos necessários, sendo realizadas em livros e publicações científicas, permitindo assim uma maior amplitude sobre o tema e possibilitando algumas proposições.

2- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO

Muito se questiona sobre o que é realmente educação e onde ela acontece. Segundo Brandão (1995), ela ocorre em qualquer lugar e não existe apenas uma educação, mas várias

educações. A escola não é o único espaço onde ela acontece, para o autor “a educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade” (BRANDÃO, pgs. 10 a 17, 1995).

Ele segue a linha de pensamento que a educação é essencialmente a relação de ensinar e aprender, na qual conhecimentos fundamentais são passados entre as gerações para se viver em sociedade. Os processos de educar podem ser caracterizados como processos sociais de aprendizagem fora da escola ou sistematizados através da pedagogia dentro da escola.

Libâneo (2005) concorda com os estudos de Brandão e diz que as mudanças contemporâneas têm contribuído para esse entendimento a cerca da educação de forma mais ampla, que ocorre em muitos lugares, institucionalizado ou não, sob várias modalidades.

O processo educacional pressupõe a existência de sujeitos em interação, sendo os indivíduos reconhecidos não apenas como um ponto de chegada de conhecimentos, mas também como um ponto de partida, frente as suas experiências cotidianas. A criatividade, portanto, é elemento que merece destaque, pois é essencial na valorização de um sujeito que por muito tempo ficou relegado à posição de mero receptor do saber pelas formas tradicionais de educação na escola. Essa qualidade contribui para uma formação que considera a dimensão construtiva do ser humano e pode vir a impulsionar transformações sociais. Então, além de ser base para consolidar um ideal de cidadania, contribui para níveis de autonomia e independência.

Numa perspectiva contemporânea, o ideal é que a educação adote uma postura de ser contestadora, na tentativa de superar os limites impostos pelo sistema de produção capitalista, objetivando transformações sociais que visem o bem estar da sociedade. Diante disso, torna-se imprescindível a adoção de novas pedagogias, transformadoras em suas manifestações, numa perspectiva de educar para uma ação futura.

Nesse contexto, Gadotti (2000), acredita que a pedagogia da práxis pode ser uma alternativa capaz de proporcionar uma mudança de olhar sobre os aspectos educativos, pois, estudos apontam que um dos principais problemas da educação brasileira é a ausência de vínculos entre teoria e prática dos conteúdos abordados.

Numa perspectiva atual da educação, busca-se trabalhar com elementos de uma pedagogia contemporânea, onde se estudam aspectos como cidadania, sustentabilidade, globalização, diálogo, respeito e socialização. Gadotti (2000) aponta a interdisciplinaridade como meio para a construção de uma escola participativa e decisiva na formação do sujeito social. Entendendo interdisciplinaridade não apenas de conteúdos, mas da interação entre vivências e experiências do cotidiano dos alunos.

Corroborando com a idéia de que uma ação pedagógica interdisciplinar é uma necessidade atual da educação, Apap, et al (2002), afirma que a inexistência dessas ações pode ser um déficit para a formação da cidadania, e alerta para a necessidade de criação de situações pedagógicas que permitam aprender e socializar ao mesmo tempo.

Vê-se, portanto, que as instituições de educação intencional precisam atuar num cenário que propõe novos desafios, como educar para a diversidade, ou seja, educar o ser humano capaz de ouvir, de prestar atenção ao diferente e respeitá-lo numa sociedade cada vez mais multicultural. Sobre esse assunto, Serrano (2002) destaca que a convivência com os outros nestas sociedades multiculturais, desempenha um papel cada vez mais importante no sentido de potencializar o diálogo cultural e a educação em valores.

3- UMA ABORDAGEM SOBRE O LAZER

Os teóricos vem estudando há muito tempo, o fenômeno do lazer e analisando as conseqüências da sua prática para o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo. Portanto torna-se necessário fazer uma retrospectiva acerca do seu surgimento e dos seus significados para melhor entendê-lo.

Os estudos sobre lazer de uma forma geral surgiram com maior ênfase no século XIX, com a constatação da chamada sociedade industrial, sendo objeto de estudo de sociólogos cujo interesse era o meio social do homem, promovendo uma reflexão acerca do tempo de trabalho e de não trabalho da classe operária. Portanto, destaca-se que o processo industrial foi a mola propulsora dos interesses pelos estudos das atividades de lazer.

Vale destacar que nem sempre essas atividades existiram em separado, Marcellino (1995), destaca dois estágios considerados importantes. No primeiro estágio, o lazer se encontra atrelado à vida cotidiana de obrigações, caracterizado por uma sociedade marcadamente rural, na qual a produção era feita basicamente no núcleo familiar e o tempo era determinado pelos participantes. Ou seja, nesse estágio, o lazer e o trabalho caminhavam juntos, determinados pelo próprio indivíduo (escolha), regido por cânticos, conversas e risadas.

Já o segundo estágio é caracterizado por uma sociedade moderna, marcadamente urbana, onde a industrialização é a base do processo de produção. Os indivíduos não mais determinam seu tempo e ritmo, e passam a trabalhar mecanicamente conforme o ritmo das máquinas e com horários determinados para entrar e sair da fábrica. Dessa forma, as relações interpessoais se tornam cada vez mais impessoais e profissionais.

No Brasil, os estudos iniciais sobre o lazer encontram-se relacionados à urbanização das grandes cidades, relacionados com a ausência de planejamento para as atividades e para os espaços de lazer públicos, destacando a deficiência de alternativas para o usufruto da população.

Quanto à conceituação, destaca-se que os autores que estudam o tema ainda buscam universalizar um conceito, porém, suas análises enfatizam dois aspectos importantes a considerar: atitude e tempo.

O lazer considerado como atitude será caracterizado pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente a satisfação provocada pela atividade. O lazer ligado ao aspecto tempo, considera as atividades desenvolvidas no tempo liberado, ou no “tempo livre”, não só das obrigações profissionais, mas também das familiares, sociais e religiosas (MARCELLINO, 1996, p. 08).

No Brasil, os estudos do lazer sofrem uma grande influência das idéias apresentadas por Joffre Dumazedier, o qual acredita no lazer fruto da vontade livre praticado após o cumprimento das obrigações, sejam sociais ou profissionais.

Compartilhando do mesmo pensamento, o sociólogo Requixa (1980, p. 35), entende o lazer “[...] como uma ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social”.

Destaca-se que em ambas as definições, o descanso, tanto físico quanto mental; o divertimento, com superação da monotonia cotidiana; e o desenvolvimento da personalidade e da sociabilidade aparecem como aspectos importantes do lazer que também são conhecidos como os três “D’s” de Dumazedier.

De acordo com o pensamento de Dumazedier (1973), existem cinco categorias que devem ser consideradas quanto ao conteúdo das atividades de lazer: os interesses físicos, os práticos ou manuais, os artísticos, os intelectuais e os sociais. Contudo, autores como Marcellino (1996) e Camargo, (1992) acrescentam ainda os interesses turísticos, identificando como uma sexta categoria.

Vale ressaltar que o objetivo desta pesquisa não é apresentar um estudo acerca do conceito de lazer, mas torna-se importante destacar os elementos que os constituem. Assim, este artigo entende o lazer como: “[...] necessidade importante do homem, em todos os tempos e lugares, que varia apenas de intensidade e de forma de expressão, segundo o contexto físico, sócio-econômico e político-social de cada grupo [...]” (grifo nosso) (ETHEL MEDEIROS¹ apud MARCELLINO, 1987, p. 29).

Este estudo adota esta perspectiva sobre o lazer, sem, no entanto negar que a maioria dos autores que estudam o tema reconhece apenas o tempo de não-trabalho em suas análises, a partir de uma postura dialógica e construtiva. O contexto social o qual nos referimos no presente artigo é caracterizado pelo sistema capitalista somado ao efeito da globalização. Esta, busca ampliar os seus mercados consumidores, disseminando o consumismo ao utilizar a comunicação e a universalização da economia como meio de ligar e controlar a sociedade mundial em níveis político, cultural, social e econômico. A tecnologia entra nesse processo como uma ferramenta desse controle, ao passo que tem sido usada para gerar velocidade e disponibilização de informações por meio da internet e da mídia em nível global.

Neste cenário, as relações sociais estão cada vez mais efêmeras. Os indivíduos têm sido coagidos a valorizar e a aumentar o seu tempo de trabalho em função da sobrevivência e do consumismo, imposto por um modelo capitalista de produção, entrando dessa forma, num ciclo exaustivo de trabalho em que o lazer é entendido como um paliativo para amenizar as dores provocadas por todo esse processo, ou ainda, quando é utilizado como mais um produto a ser consumido.

Essa realidade configura-se numa alienação dos indivíduos, caracterizada pelo pouco aproveitamento das atividades de lazer, considerando as diversas possibilidades de práticas e seu potencial de desenvolvimento humano, colaborando com uma abordagem apenas utilitarista deste, como define Marcellino (1996, p. 48): “a redução do lazer à função de recuperação da força de trabalho, ou sua reciclagem”.

Corroborando com essa mesma idéia, Waichman (1997) afirma que diante dessa situação, não se proporcionava às pessoas um tempo livre para suas atividades de lazer, ao menos que fosse para a sua recuperação física, motivadas pela necessidade de dormir e descansar. Segundo o mesmo autor, é importante destacar que tempo livre é entendido como aquele tempo que “fica livre das obrigações e necessidades cotidianas e que empregamos no que queremos” (p. 73).

Motivado por uma preocupação social, Túmolo (2004) questiona essa realidade e chama atenção para a passividade dos trabalhadores diante das condições desumanas de trabalho. Para tanto, o autor coloca-se contra ao dogma do trabalho, que segundo ele é o criador da mentalidade servil e o responsável por gerar uma baixa qualidade de vida dos indivíduos.

Outro fator importante a ser destacado é que o lazer da população tem sido direcionado pelo que a mídia tem veiculado: um lazer normalmente vendido, que passa a idéia de felicidade embutida no pacote comprado. Sobre esse assunto, Godbey apud Marcellino

(1995, p. 13), chega a alertar quando se aborda a questão do tempo disponível para as atividades de lazer, que nos últimos anos, tem-se configurado não a prática do lazer, mas sim, do “antilazer”, entendido como “atividade compulsiva e realizada a partir de necessidades impostas exteriormente, com baixo grau de autonomia pessoal e altos graus de pressões e preocupações com o tempo”.

O pensamento comum é o da necessidade de divertir-se para esquecer os problemas... Mas que problemas são esses? Será que esses problemas devem mesmo ser esquecidos? Quem quer nos fazer esquecer os nossos problemas? Os problemas são apenas nossos? E onde entra a crítica a esse lazer imposto e difundo pela mídia? E quais são os espaços que os indivíduos têm para discutir esses “problemas”?

Estes questionamentos sinalizam para a necessidade de um entendimento mais amplo sobre o lazer, numa perspectiva crítica que possibilite o diálogo, o aprendizado, a socialização, a troca de informações e o desenvolvimento do indivíduo enquanto um ser social e possuidor de sentimentos e valores.

Para tanto, vale destacar a contribuição de Oliveira (2004) ao dissertar sobre as especificidades do lazer em duas perspectivas nomeadas por Marcellino como abstrata e concreta. A abstrata trata de uma questão sócio-econômica geradora de desigualdades relativas à apropriação do capital pelo tempo disponível do trabalhador; e a concreta é entendida como um componente da cultura, em que a participação na cultura local é um meio para o exercício da cidadania e a base para a renovação da sociedade. O desafio posto segundo a autora é utilizar “o critério da prática a partir da reflexão sobre a prática e reformulação de valores e atitudes que a envolve” (OLIVEIRA, p. 29, 2004).

3.1. O LAZER NA EDUCAÇÃO FORMAL

A educação segundo Libâneo (1998) é dividida em educação não-formal que será tratada no tópico posterior e a educação formal. Esta última, segundo Gohn (2008) é realizada por instituições escolares que têm a função explícita de educar a partir dos conhecimentos científicos sistematizados ao longo das gerações, legitimados pelas leis e normas.

A educação escolar é um caminho para a intervenção no mundo, pois além de proporcionar conhecimento dos conteúdos curriculares, deve permitir ao educando o questionamento do mesmo para a sua compreensão.

Para isso, mudanças são necessárias no processo de aprendizagem e Demo (1999), refere-se à necessidade de mudanças pedagógicas no processo de ensino, destacando que, de

um modo geral, pouco se aprende atualmente nas escolas, devido à inexistência de relação dos conteúdos apresentados com os desafios futuros.

Nesse contexto, a qualidade do ensino torna-se o principal desafio a ser superado no Brasil, pois o sistema educacional atual é defasado, no que tange a valorização do educador, montagem de modelos alternativos de formação, dentre outros. Ainda sobre esses problemas, Demo (1999, ps. 85 e 86) destaca que:

- a) A escola, sobretudo a pública, restringe-se ao mero repasse copiado, deixando o aluno na posição de objeto de ensino, cujo resultado é simples aprendizagem;
- b) Nesta aprendizagem, tudo tende a ser mal feito, acrescentando-se vazios cumulativos nos espaços ditos modernos;
- c) O aluno, a par de saber pouco, o que sabe é inadequado para instrumentá-lo como sujeito de processo de mudança;
- d) Não temos ainda sedimentada a necessidade vital de atualização constante, nem nos professores, o que repercute no envelhecimento inevitável em termos de domínio do saber estratégico.

Esse saber estratégico consiste em saber pensar, questionar, criar, buscar informações e soluções de problemas, exercitando o papel de sujeito participativo e produtivo, propondo um despertar de uma autonomia emancipatória do “aprender a aprender”. Ainda segundo o mesmo autor, o desenvolvimento da atitude de pesquisa no processo de ensino pode “confluir para o desenvolvimento da capacidade de observação, confronto e renovação da realidade”.

Merece destaque também, a participação dos educadores nesse processo de mudança de olhar, pois a qualidade do professor pode ser considerada um dos principais condicionantes da qualidade educativa da escola. Dessa forma, torna-se necessário o desenvolvimento de capacidade de elaboração própria, de teorização das práticas, juntamente com a habilidade de desenvolver nos alunos atitudes críticas e criativas.

Sobre esse assunto, vale ressaltar a contribuição de Freire (1996), quando aborda a importância dos saberes necessários à prática educativa, dotando o educador de reflexões sobre procedimentos capazes de torná-lo mais significativo no processo de aprendizagem. Nesse contexto destaca que o educador precisa “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (p. 47).

As dificuldades apontadas até aqui nos leva a buscar alternativas para o processo de aprendizagem, como é o caso deste artigo, quando propõe o lazer enquanto uma possibilidade de contribuir com a prática educativa, aliando o conhecimento teórico com a realidade vivenciada pelos indivíduos e conseqüentemente pela sociedade.

Torna-se necessário, portanto, buscar outras possibilidades para a educação formal, apoiando-se em estratégias de aprendizagem diferenciadas e estimuladoras para a construção do conhecimento e incluir o lazer nesse processo educativo, significa apresentar mais um ingrediente favorável na tentativa de contribuir para uma educação mais eficiente, buscando proporcionar um confronto da teoria e da prática dos conteúdos abordados de forma prazerosa.

Assim, acredita-se que os conhecimentos devam ser produzidos dentro de uma estrutura aberta de reflexão na qual o aluno pode perceber que os conteúdos abordados, são antes de tudo, temas relativos à valorização da participação, da vida e da cidadania, confluindo para a formação de pessoas críticas, com condições de produzir conhecimento e não reproduzi-lo, desenvolver ciência e não simplesmente absorvê-la.

É preciso salientar que até pouco tempo a socialização não era levada em conta na sala de aula, o mais importante era a memorização e a aprendizagem mecânica dos conteúdos escolares. Atualmente, ainda existem muitas escolas de diferentes graus de ensino que baseiam suas propostas pedagógicas em manuais escolares que se intitulam como facilitadores da aprendizagem. No entanto, distanciam os alunos da realidade e causam neles, um sentimento de frustração, por não conseguirem ver sentido no que é ensinado nas escolas.

Nesse momento, ratificar o uso do lazer como instrumento auxiliar de ensino torna-se importante, uma vez que o que se busca é a organização de situações de aprendizagem relacionadas aos conteúdos curriculares, valores éticos e estéticos, além de atitudes formativas.

Vale destacar que, sem deixar de reconhecer a força dos valores sociais hegemônicos, parece possível desenvolver experiências educativas que considerem, simultaneamente, educação e lazer. Trata-se de compreender as transformações sociais através de uma leitura crítica do mundo, propondo a emancipação da sociedade, tendo na educação e na escola os elementos articuladores.

Nesse sentido, uma alternativa de articulação entre educação e lazer é a atividade do turismo pedagógico. Enquanto conceito, o turismo pedagógico está ancorado na proposta de fazer com que o aluno tenha oportunidade de conhecer e vivenciar novos espaços, estabelecendo limites entre o fantástico e o real, sendo desenvolvido no período letivo e não no período de férias como em outros segmentos convencionais. De acordo com Andriolo e Faustino (1999, p 165), o turismo pedagógico é entendido como “uma modalidade de turismo que serve às escolas, em suas atividades educativas”.

Ansarah (2005) apresenta que o objetivo desse tipo de turismo é proporcionar o contato com a natureza e o conhecimento de novos espaços, propondo um despertar para a conscientização de problemas socioculturais e ambientais vividos por muitas comunidades, e promover valores construtivos. Com o procedimento do turismo pedagógico, a aula desenvolvida ganha vida, pois a experiência da vivência em outro espaço proporciona uma interação com o local, com algo real, de forma a possibilitar o conhecimento dinâmico e o respeito pelos ambientes diversos, desprovido de alienações e fantasias.

As formas de relevo em uma aula de geografia estarão à vista, poderão ser percorridas; os impactos da poluição serão sentidos de perto em uma aula de campo sobre o meio ambiente; a aula de história ganhará formas nos monumentos históricos da cidade; as formas geométricas ganharão fascínio nas fachadas dos prédios e nos terrenos, enfim, são inúmeras as possibilidades do turismo pedagógico (HORA E CAVALCANTI, 2003, p. 225).

Portanto, para compreender a extensão e profundidade dessa atividade é necessário superar a idéia de que o turismo é uma atividade realizada apenas no período de férias e que está relacionada somente com o lazer, a distração ou o descanso. Para isso, este trabalho assume que o termo “turismo” expressa uma gama de segmentos que pode trazer aprendizagens consistentes através da viagem ou deslocamento.

Vale destacar que o objetivo maior quando se realiza a atividade de turismo pedagógico não é o lazer simplesmente, mesmo que em alguns momentos, sejam desenvolvidas ações compreendidas como de lazer. É a possibilidade de promover o desenvolvimento social, crítico e educativo que se justifica a utilização do turismo enquanto atividade de lazer que serve ao ensino.

Nesse momento, percebe-se uma nova concepção da atividade, uma vez que o espaço turístico se transforma em um espaço de educação extraclasse, contribuindo para auxiliar o processo de aprendizagem com uma nova prática pedagógica.

3.2. O LAZER NA EDUCAÇÃO INFORMAL E NÃO- FORMAL

É no convívio com o outro, com a natureza e com espaços de socialização que algumas ações são incorporadas ao dia-a-dia das pessoas. Assim, os indivíduos se tornam mais humanos e solidários, passam a perceber o outro e a si mesmos, se articulam politicamente, aprendem com os mais experientes através da história pessoal de cada um.

Nesse sentido, as atividades de lazer podem ser entendidas como um elo que possibilita transformação cultural e moral de uma sociedade, uma vez que num mesmo espaço, podem interagir pessoas com diferentes modos de pensar e de agir. Corroborando com essa idéia, Puig e Trilla (2004, p. 37), afirmam que “o ócio, certamente, é fator de mudança e de evolução social que pode provocar mudanças em setores como a vida familiar, o trabalho, a participação política e cultural ou a vida religiosa”.

Desta forma, estabelece-se uma influência do lazer no processo de formação do indivíduo, através de uma educação não-formal e informal, destacando que essas atividades também desempenham papel educativo.

Ao reconhecer o espaço que o lazer deve ocupar no cotidiano do indivíduo, Marcellino (1996, p. 16) afirma que: “a admissão da importância do lazer na vida moderna, significa considerá-lo um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural”.

Nesse contexto, pode-se perceber que o lazer, considerado nesta pesquisa como um instrumento de educação, pode ser utilizado tanto na educação formal, como dito na seção anterior, como também na educação informal e não-formal.

Segundo Libâneo (1998) a educação não intencional caracterizada como informal, se refere às influências do meio natural e social sobre o homem e interfere em sua relação com o meio social. São atos não institucionais, não planejados, assistemáticos, que envolvem o que rodeia a vida social, como o ambiente e as relações sócio-culturais, refletindo na formação das pessoas. Ocorre em qualquer espaço e depende de interações que possibilitem aprendizados.

A educação não intencional acontece nos diversos espaços de lazer, como praças, ruas, casas, eventos, através das atividades desinteressadas, manifestações culturais, jogos em grupos, onde são feitas as trocas culturais, a cada dia em evolução. São portanto, espaços de constantes aprendizados desinteressados e que carregam os sentidos e significados para uma vida em comunidade.

O lazer atua assim na essência do seu conceito, em tempo, espaço e atitudes que são escolhas pessoais, na qual a educação informal acontece com socialização dos saberes e conhecimentos dos indivíduos, estreitando laços pessoais, possibilitando articulações para uma atuação crítica frente aos problemas sociais (GOHN, 2006).

A educação não-formal é caracterizada como intencional por Libâneo (2008), com categorias de espaço determinados e tempo adaptáveis que a difere da educação na escola, pois, inclui atividades realizadas em espaços diversos. Complementando a contribuição de Libâneo, Gohn (2008, p. 101), destaca que esses espaços diversos podem ser:

o bairro-associação, nas organizações que estruturam e coordenam os movimentos sociais, nas igrejas, nos sindicatos e nos partidos políticos, nas organizações Não-Governamentais, nos espaços culturais, e na próprias escolas, nos espaços interativos dessas com a comunidade educativa etc.

Caracteriza-se por desenvolver “ações e práticas coletivas organizadas em movimentos, organizações e associações sociais” (Idem, p.100). Percebe-se dessa maneira que a educação não-formal e a informal estão bem próximas quanto ao seu caráter cultural e político, mas têm diferenças referentes principalmente a sua intenção e espaço.

A participação nas atividades de educação não-formal pressupõe interesse pessoal em desenvolver-se ou desenvolver alguma esfera da sociedade e traz consigo características do lazer, no que se refere ao tempo adaptável e a atitude dos seus participantes do desenvolvimento humano e social ao possibilitar a discussão dos interesses recíprocos.

Esses espaços da educação quando unidos aos espaços e momentos de lazer, se transformam em espaços de socialização, proporcionando as trocas de ensino/aprendizagem de maneira espontânea e criativa.

Podemos citar como exemplos feiras de artesanato, exposições diversas, eventos propostos e desenvolvidos a partir da iniciativa de associações de moradores, cooperativas e ONG's que buscam divulgar seus trabalhos e ainda proporcionar um espaço propício para a socialização entre a educação informal e não formal.

Esses espaços de socialização, fruto da união do lazer e da educação, podem fazer a união de dois ou três tipos de educação ao convergir interesses semelhantes em prol de um objetivo maior. Um exemplo disso² são os eventos culturais de bairros, que na comunidade de Itapuã (Salvador-Ba), além de conseguir unir a educação informal e não-formal, pôde unir ainda a educação formal. O evento mencionado é uma homenagem a memória de uma importante moradora, Dona Francisquinha, e acontece todo dia primeiro de abril no entorno de uma praça, o largo do Genipapeiro.

Ao redor do largo e em prol do evento está localizada uma escola municipal que também se mobiliza para, através de seus alunos, realizar apresentações de danças com músicas da cultura local, abrindo suas portas para a comunidade e disponibilizando sua cozinha para o preparo de comidas típicas das festas e manifestações populares da região que são ofertadas aos participantes. Outra instituição presente é a associação de moradores do bairro de Itapuã que fica localizada em frente à escola e participa assiduamente do evento, disponibilizando sua sede como camarim além de também ajudar a organizar o evento. Outras instituições de educação não-formal do próprio bairro também participam do evento, mesmo

não estando localizadas fisicamente no largo, como é o exemplo da Casa da Música, que proporciona equipamentos e materiais para que o mesmo aconteça.

A educação informal é representada neste espaço destinado ao lazer cultural pelos moradores de Itapuã, pais e familiares dos alunos e demais presentes, que juntos, em prol do mesmo objetivo participam e fazem acontecer há mais de 10 anos o evento que busca resgatar a cultura local a partir da memória de quem muito contribuiu para a formação do bairro, criação e manutenção desse espaço de socialização em especial.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante não separarmos o lazer da educação, seja ele no seu conceito inicial, nos conceitos mais amplos ou nos que vem surgindo com os estudos na área. O lazer humaniza e faz florescer vínculos a partir desta humanização que são necessários para o interesse pelas atividades desenvolvidas, já que os seres humanos têm a necessidade de socializar-se.

O lazer por ser uma atividade com tendência a espontaneidade, traz consigo características do ser humano em sua essência, como o amor, a afetividade, a compaixão, entre outros aspectos e características que são fundamentais para que laços sociais sejam estabelecidos e venham a facilitar o interesse pelas atividades e consequentemente o aprendizado.

Percebe-se que uma educação com uma visão ampliada dos processos de aprendizagem é uma tendência atual e futura, em que os conteúdos circulam em todos os espaços de formas diferentes, como no mundo virtual, e que precisam sofrer reflexões críticas. São as relações sociais através do diálogo que podem vir a fazer tais reflexões, problematizando o que nos é imposto numa busca por soluções populares para os problemas sociais. Assim, os espaços de socialização, trabalhados neste artigo como a união do lazer e da educação, podem vir a fazer a união da educação formal, não-formal e informal ao convergir interesses semelhantes em prol de um objetivo maior.

Torna-se então, imprescindível reencontrar espaços de unidade, para que seja possível estabelecer interação e sinergia entre as formas de educação presentes na sociedade, entre conteúdos e prática, de maneira a valorizar as atividades da escola e fora dela, proporcionando concomitantemente ensino/aprendizagem e socialização tanto nos espaços formais, como nos não-formais e informais de educação. Busca-se, portanto, um intercâmbio dessas educações, fortalecendo os vínculos na busca pelo desenvolvimento humano e crítico para uma vida harmoniosa em sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANDRIOLO, Arley; FAUSTINO, Evandro. **Educação, Turismo e Cultura: A experiência de estudantes paulistas em Uruçanga**. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). **Turismo: Desenvolvimento Local**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Turismo e segmentação de mercado: Novos segmentos**. In: TRIGO Luiz Gonzaga Godoi (org.). **Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.
- APAP, Georges, (et al). **A Construção dos Saberes e da Cidadania: Da Escola à Cidade**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 33ªEd., São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é Lazer?** 3ª edição. Editora: Brasiliense. São Paulo, 1992. (Coleção Primeiros Passos)
- DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação**. 8ª edição. Petrópolis - RJ: Vozes, 1999.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura).
- GADOTTI, Moacir (et al). **Perspectivas Atuais da Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação Não-Formal e Cultura Política**. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.
- HORA Alberto Segundo Espínola da; CAVALCANTI, Keila Brandão. **Turismo Pedagógico: Conversão e Reconversão do Olhar**. In: REJOWSKI, Mirian; COSTA, Benny Kramer (orgs.). **TURISMO CONTEMPORÂNEO: Desenvolvimento, Estratégia e Gestão**. São Paulo: Atlas, 2003.
- LIBÂNEO, J.C. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 8ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer: uma introdução**. Campinas, SP: Autores associados, 1996.
- _____. **Lazer e Educação**. São Paulo: Papyrus, 1987. (Coleção Fazer/Lazer).
- _____. **Lazer e Humanização**. Campinas, SP: Papyrus, 1995 - (Coleção Fazer/Lazer).
- OLIVEIRA, Cristina Borges de. **Sobre Lazer, Tempo e Trabalho na Sociedade de Consumo**. Conexões, v. 2, n. 1, pg. 20-34, 2004.

PUIG, Josep Maria; TRILLA, Jaume. **A pedagogia do ÓCIO**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REQUIXA, Renato. **Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo, SESC, 1980.

SERRANO, Gloria Pérez. **Educação em Valores: Como Educar para a Democracia**. 2ª ed., Porto Alegre: Artmed, 2002.

TÚMOLO, Paulo Sérgio. **Trabalho, Alienação e Estranhamento**: visitando novamente os manuscritos de Marx. In: 27ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED (21-24 de novembro de 2004, Caxambu - MG) GT 09 - Trabalho e Educação. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt09/t0916.pdf>> Acesso em 14 de abril de 2010.

WAICHMAN, Pablo. **Tempo Livre e Recreação: Um desafio pedagógico**. Campinas, SP: Papirus, 1997 - (Coleção Fazer/ Lazer).

Autora: Mailane Vinhas de Souza Bonfim é doutoranda do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia- UFBA, bolsista CAPES, mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC, especialista em Economia de Empresas e graduada em Economia. Atualmente é membro do grupo de pesquisa História da Cultura Corporal, Esporte, Lazer e Sociedade da UFBA.

Co-Autora: Débora Matos Maia é mestranda do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia- UFBA, bolsista FAPESB, Especialista em Atividade Física, Educação e Saúde para Grupos Especiais e Graduada em Educação Física. Atualmente é membro do grupo de pesquisa em Mídia/ Memória, Educação e Lazer- MEL da UFBA.

¹ Uma das pioneiras nos estudos sobre o lazer (MARCELLINO, 1987).

² Observação preliminar realizada pela mestranda Débora na comunidade de Itapuã, localizada no município de Salvador-Ba, sendo objeto de estudo de sua atual pesquisa.